

O POETA E O IMAGINÁRIO POPULAR NO CORDEL: METODOLOGIA DO TRABALHO

Fernanda Moraes D`OLIVO¹

RESUMO: Neste artigo, apresentarei a metodologia de pesquisa do meu trabalho de mestrado chamado “O Poeta e o imaginário popular no cordel: uma análise discursiva de folhetos a partir da década de 40”. As análises dos textos selecionados são sustentadas pela teoria da Análise de Discurso de perspectiva materialista.

Palavras-chaves: Análise do Discurso; Metodologia; Cordelista; Imaginário popular.

RESUME: Dans cet article, je montrerai la méthodologie de recherche de mon travail de master appelé « Le Poète et l'imaginaire populaire: une analyse discursive de *cordéis* depuis de la décennie de 40 ». Les analyses de les textes sélectionnés sont fondées dans la théorie de la Analyse du Discours française.

Mots-clés: Analyse du Discours; Méthodologie; Poète de Cordel; Imaginaire populaire.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendo apresentar a maneira como desenvolvo o trabalho com os cordéis - meu objeto de pesquisa - para constituir o *corpus* discursivo de minha pesquisa e, além disso, tentarei mostrar como desenvolverei as análises desses textos para compreender as seguintes perguntas: (i) como a representação de questões referentes a diferentes momentos histórico-sociais brasileiros é formulada e como ela (se) significa nos folhetos nordestinos? (ii) o processo de formulação destas questões se configura ou não numa relação de porta-voz da comunidade para a qual o cordel é dirigido? Essas são as duas perguntas centrais que orientam a formulação do *corpus* do meu trabalho de pesquisa.

Tanto para seleção dos recortes que compõem o *corpus*, quanto para o desenvolvimento das análises, é fundamental que haja, além de um conhecimento teórico da Análise de Discurso, um conhecimento acerca das condições de produção dos folhetos nordestinos das décadas de 40 até os dias atuais, mostrando as suas semelhanças e diferenças em relação aos autores, ao público e à própria sociedade para qual o texto é direcionado. Por isso, abaixo, segue um breve panorama sobre a Literatura de Cordel da década de 40 até os dias de hoje.

¹ Aluna de mestrado do programa de Pós Graduação em Lingüística do IEL/UNICAMP.

2. O POETA E CORDEL

Os primeiros autores eram poetas de origem popular e habitavam a região do sertão nordestino, tendo recebido pouca educação formal. A temática era variada (Abreu 1999, Mayer 1980) e eles escreviam para um público tradicional, formado por habitantes do interior nordestino. Seus interlocutores eram pessoas humildes, sem nenhuma, ou quase nenhuma, educação formal, e que entravam em contato com a literatura de cordel quando iam com toda a família para as feiras e mercados das cidades interioranas (Curran, 1991). Estes lugares eram pontos de vendas dos cordéis, onde os poetas recitavam as histórias, possibilitando que o público analfabeto tivesse conhecimento do que era dito nos versos dos folhetos. Os cordéis, além de serem objetos de socialização entre as pessoas, também tinham a função de levar a notícia para o povo, sendo este papel de extrema relevância para a população, conforme afirma Kunz (2001). Estes aspectos mostram a importância social do cordel para a comunidade para a qual o cordel foi/é dirigido.

Para ter uma noção da situação dos cordéis atualmente, realizei uma breve pesquisa, por meio de diversos artigos sobre o assunto e constatei que, hoje em dia, os autores dos folhetos são pessoas que vivem nas cidades, e não mais no campo, frequentam ou frequentaram os bancos da escola. Alguns chegaram até a universidade. O público também mudou. A partir da década de 70, os folhetos, além de serem apreciados pelos nordestinos sertanejos, também começaram a ser lidos por “intelectuais, artistas de vários meios de expressão, estudantes de classe média, e turistas com uma curiosidade pelo folclore brasileiro” (Curran, 1991, p. 572). A sociedade também mudou: não somos regidos claramente por uma sociedade patriarcal, sendo que esta característica ainda resiste em muitas localidades do nordeste. A mulher agora trabalha, não é tão reprimida socialmente e as informações chegam mais rápido por meio da televisão, Internet, jornais, etc. Ou seja, houve mudanças tanto na sociedade quanto nas condições de produção dos cordéis, sendo isto importante para refletirmos sobre a sociedade de antes e de agora, através dos versos dos folhetos.

3. SELEÇÃO DO MATERIAL E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para selecionar o material de pesquisa, realizei uma busca nos catálogos de Literatura de Cordel existentes no CEDAE/IEL/UNICAMP, no acervo da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (Rio de Janeiro) e nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro). Como

base bibliográfica, utilizo o *Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, de 1978, para pesquisar os poetas em atividade até o final da década de 70. As datas dos textos que ultrapassarem essa época e não forem datados são analisados pelo conteúdo do tema para saber o seu período de produção.

Os cordéis selecionados são de diferentes temas. Isso acontece porque, assim, posso, em minha pesquisa, abranger as diversas questões sociais que circulam nos folhetos, como episódios políticos, assuntos sobre descobertas científicas e temas religiosos. A escolha dos temas relevantes, a partir da década de 40, já se configura em um primeiro momento de análise.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA DISCURSIVA COM OS CORDÉIS

O dispositivo teórico-metodológico utilizado na minha pesquisa é da Análise de Discurso (AD) de perspectiva materialista, fundada por Michel Pêcheux. Este se propôs a pensar sobre a linguagem, rejeitando as evidências dos sentidos e os lugares já-estabilizados e, para esta reflexão, apresenta o trabalho com a materialidade da língua, no entremeio da trilogia de conhecimento composta por língua, materialismo histórico e inconsciente, levando em conta a contradição e o confronto entre teoria e sua prática analítica. A AD busca compreender os efeitos de sentido que estão presentes nos discursos e explicitar o funcionamento discursivo por meio de uma análise não subjetiva.

O objeto de análise da AD é o discurso, no qual estão inscritas a historicidade e a ideologia, consideradas sempre nas análises como elementos constitutivos. O discurso é posto em funcionamento por um sujeito constituído na e pela linguagem, interpelado pela ideologia “para que se produza o dizer” (Orlandi, 2002, p. 46). A linguagem tem como condição de existência a incompletude e os seus sentidos não são transparentes, porém o sujeito não se dá conta destas características linguísticas e não percebe a suscetibilidade da língua ao equívoco, ao jogo e à falha, pois a linguagem é afetada pelos efeitos ideológicos. Orlandi (2002) diz que, por causa da ideologia, o sujeito tem a imagem de ser a origem do seu dizer e dos sentidos deste dizer, quando, na verdade, retoma sentidos já existentes, em que estes significam pelo modo como esse sujeito se inscreve na língua e na história. Este fato é chamado por Pêcheux de esquecimento número “um” (esquecimento ideológico) e é da instância do inconsciente.

O esquecimento é estruturante do discurso. Além do esquecimento número “um” há o número “dois” (esquecimento enunciativo), pelo qual o sujeito, ao falar, não percebe que o faz de

uma maneira e não de outra, sendo sempre possível dizer de uma outra forma. O esquecimento número dois produz a impressão da existência de uma relação direta entre pensamento/linguagem/mundo, impressão esta que faz o sujeito acreditar no pensamento sendo representado por apenas determinados dizeres e não outros. Este esquecimento estabelece também uma relação entre palavra e coisa, naturalizando essa ligação. O sujeito, que no caso é o sujeito-cordelista, significa o seu dizer inscrevendo-se em formações discursivas pelas quais há determinação, por meio da ideologia, das posições de sujeito e o que pode e deve ser dito.

Os sentidos presentes no discurso significam através da relação entre o interdiscurso (constituição dos sentidos, memória discursiva) e o intradiscurso (formulação), sendo que a formulação é determinada pela constituição. “O que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. (...) o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva”. (Orlandi, 2002, p.82). Deste modo, é possível observar a ligação do dito com o não dito e a relação destes com as noções de intradiscurso e interdiscurso. A produção dos efeitos de sentido e o discurso podem ser compreendidos por meio do trabalho realizado na relação entre memória e formulação.

O interdiscurso incorpora os elementos do ‘pré-construído’, definido por Pêcheux (1988), em referência aos trabalhos de P. Henry, como sendo “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (p.99). Ou seja, entendemos ‘pré-construído’ como sendo os sentidos que sustentam uma determinada discursividade, fazendo parte da instância da memória discursiva. A análise deve se pautar pela construção do chamado dispositivo teórico analítico da interpretação. Este dispositivo permite ao analista se deslocar da sua posição de leitor e essa nova perspectiva possibilita a compreensão do processo de produção de sentidos em suas condições, sempre trabalhando no entremeio da descrição com a interpretação. Sobre o espaço de trabalho da Análise de Discurso, Pêcheux (1990, p. 53) propõe o seguinte:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.²

² Os lugares de deslizos e derivas dos discursos citados neste trecho são chamados pela A.D. de efeito metafórico.

Na sua posição deslocada, o analista procura um lugar de reflexão considerando o descentramento do sujeito, a opacidade da língua e sua materialidade, equívoco e falha, ou seja, ele leva em conta o real da língua. Esse dispositivo investe no trabalho da ideologia.

Para que a análise discursiva seja capaz de explicar o funcionamento do discurso nos folhetos e em outros materiais é preciso que o pesquisador considere as condições de produção, definidas por Lagazzi (1988, p. 56), citando Pêcheux (1975), como sendo:

ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar no interior das quais se encontra inscrito o sujeito, e a 'situação' no sentido concreto e empírico do termo, quer dizer, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientes colocados em jogo.

Falar em condições de produção remete a pensar sobre as formações imaginárias, que se representam para o sujeito como a realidade. Estão presentes nas formações imaginárias os seguintes mecanismos de funcionamento do discurso: relação de sentidos, na qual dizeres possuem relações com outros dizeres já realizados ou imaginados; mecanismo de antecipação, pelo qual há a possibilidade do sujeito se colocar no lugar do(s) seu(s) interlocutor(es) e, em relação a este(s), antecipar-se quanto ao sentido que seus dizeres produzem e, finalmente, a relação de forças, pela qual podemos observar que o lugar ocupado pelo sujeito ao realizar o seu dizer significará o que é dito. São as projeções resultantes das imagens encontradas nos discursos que permitem a passagem de situações empíricas para as posições do sujeito no discurso (Orlandi, 2002).

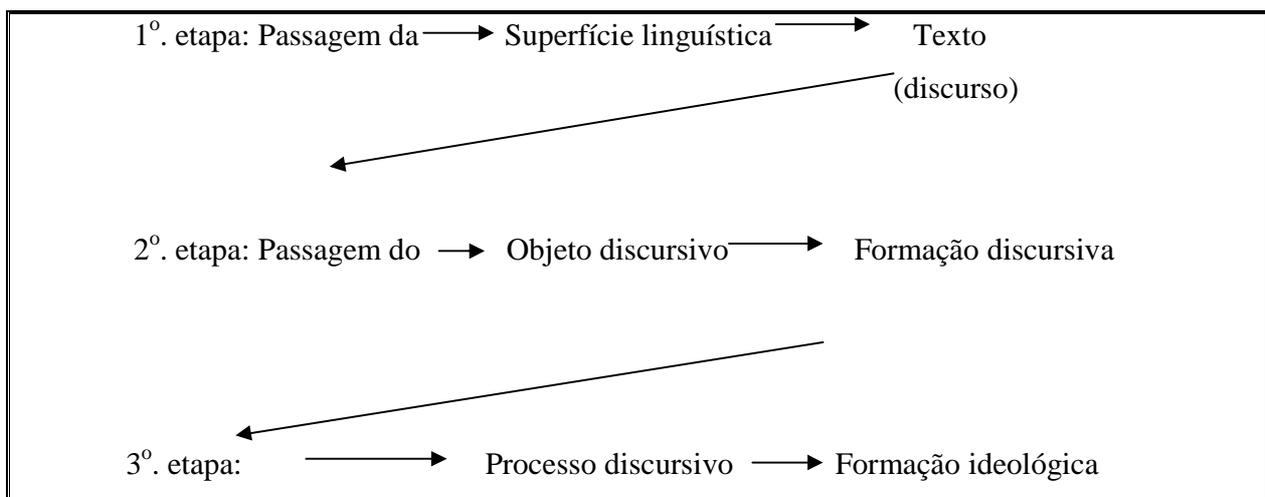
As condições de produção são pontos fundamentais da teoria para as análises desta pesquisa pelo fato de observar os cordéis em diferentes épocas da história do Brasil e com diferentes interlocutores. As formações imaginárias são importantes para observar o funcionamento do imaginário popular e a posição discursiva do cordelista. Além disso, estes dois conceitos da AD permitem ao analista atingir a(s) formação(ões) discursiva(s) que se apresenta(m) em um texto³ e, através destas, chegar às formações ideológicas. Como é posto por Lagazzi (1988), uma análise feita sem considerar as condições de produção apontará para um discurso em que serão apagadas as contradições entre as diversas formações discursivas que aí se

³ Um texto, pensado discursivamente, é ou pode ser constituído de múltiplas formações discursivas, nas quais o sujeito pode ocupar mais de uma posição discursiva.

entrecruzam, além de apontar para um discurso sem memória. Sem as condições de produção não há como o pesquisador compreender o funcionamento discursivo.

Todo discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia, sendo que esta traz a idéia de deslocamento, ruptura de processos de significação, enquanto a paráfrase remete à idéia de estabilidade, de dizer sedimentado. É no jogo entre a paráfrase e a polissemia que os sujeitos e os sentidos (se) significam. Na busca pela compreensão do funcionamento do discurso dos cordéis, trabalho na desintagmatização da língua no que diz respeito à estruturação morfossintática, fonológica, às relações textuais e semânticas. Utilizarei a paráfrase (repetição) para observar outras possibilidades de dizer, permitindo o entendimento dos processos e mecanismos de constituição dos sentidos e dos sujeitos. Além de utilizar a paráfrase, trabalharei, também, com os movimentos de deslizes que observarei no material de pesquisa.

A análise discursiva se faz por etapas, que dão forma ao dispositivo teórico. Orlandi (2002) expõe os processos de análise da seguinte maneira:



Na primeira etapa, momento atual de meu trabalho, estou construindo um objeto discursivo a partir do “material linguístico empírico”⁴, composto pelos cordéis selecionados. O objeto discursivo é constituído por meio de recortes realizados no material de pesquisa, sendo que estes recortes vão compor o *corpus* discursivo, que responde aos objetivos de análise e às perguntas feitas pelo analista. Para isso, centrei-me em selecionar trechos que apresentassem acontecimentos da história política e social brasileira. O *corpus*, na Análise de Discurso, tem um

⁴ Termo utilizado por S. Serrani em seus trabalhos, no lugar de ‘superfície linguística’, usado por Pêcheux.

caráter dinâmico e o seu fechamento só se dá com o final das análises. Assim, a sua delimitação faz parte da análise, dado que “todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo de análise e o dispositivo teórico da interpretação que constituímos” (Orlandi, 2004, p. 64), o que explica o fato de que a definição do corpus discursivo só se dá com o final da pesquisa. Para analisar os recortes discursivos, oriento-me pelas condições de produção, que são importantes para se chegar às generalizações e regularidades, sem o perigo de apagar a polissemia e os funcionamentos discursivos constitutivos dos cordéis selecionados.

Na segunda etapa da análise, buscarei observar, a partir do *corpus* discursivo, as regularidades configuradas pelas marcas discursivas encontradas nos textos dos cordéis selecionados para esta pesquisa. O dispositivo teórico-analítico permite um deslocamento em relação ao objeto e por meio deste deslocamento buscarei o funcionamento das marcas no discurso para dar visibilidade às formações discursivas. Para a análise do *corpus*, utilizarei os processos de paráfrase e sinonímia que explicitarão a relação entre o dito e o não dito, as relações de intertextualidade, enunciação, entre outras.

Após dar visibilidade às formações discursivas, realizarei a terceira e última etapa do percurso analítico, na qual procuro compreender os processos discursivos, colocando em evidência os traços destes, “já que esses processos estão na origem da produção dos efeitos de sentido, constituindo-se a língua como um *lugar material* onde se realizam esses efeitos de sentido” (Lagazzi (1988, p. 52), referindo-se a Pêcheux (1975). Através dos processos discursivos, é possível entender o trabalho da ideologia se materializando na língua, apreendendo a historicidade no texto⁵, sendo este considerado por Orlandi (2002) como “fato discursivo” que permite chegar a uma memória discursiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei apresentar, neste artigo, os passos metodológicos no percurso analítico com os cordéis. Para isso, expus como estou trabalhando para compreender as condições de produção do material de pesquisas e os conceitos mais importantes da Análise de Discurso de perspectiva materialista que mobilizo para o momento da análise. Dessa forma, procuro mostrar uma possível

⁵ A ideologia põe o texto como unidade de sentido em relação à situação.

forma de trabalho discursivo em um *corpus* extenso, tanto no temporal quanto nas temáticas que há no material pesquisado.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ALMEIDA, A. & SOBRINHO, J.A. **Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

CURRAN, M. J. A Literatura de Cordel: Antes e Agora. **Hispania**, Vol. 74, no. 3, Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature and Culture, pp. 570-576, 1991.

KUNZ, M. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988.

MEYER, M. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora Pontes, 1990.